

N.º 5

Dr. Lourenço de Almeida Azêvedo N.º 3

Deu entrada nesta Bibliotheca  
em o dia 26 de Janeiro de 1839.

M. Diniz



Disputação de Caméus



|||

|||

Leija appresentada ao processo do, com. 1848.  
Vale a pena de auctor 6 de Novembro de 1848.

Quaes são os signaes de morte?  
qual d'entre todos é indubitavel, a-  
tem da putrefacção?

H. H. " Barjona Almeida



Pelo enunciado do ponto, q' nos cou-  
be em sorte, para objecto da presente  
dissertação claramente se conhece que  
de duas partes deve ella constar; - e  
nao só por aquelle motivo, mas tambem  
para q' o desinvolvimento da materia,  
que tractamos, seja acompanhado de lu-  
cidez e ordem, adoptamos a divisao de  
nossa dissertação em duas partes, re-  
pondo na primeira, quaes são os signaes  
de morte, discutidos na segunda, qual  
d'entre todos é indubitavel a tem de  
putrefacção.

Ampliar ao homem o espaço com-  
prehendido entre o berço e o túmulo é  
um dos pontos, por ventura o mais im-  
portante do programma, que o Medico  
se propoz desempenhar: missao ardua,  
e difficil!! Tenebrosos misterios enco-  
bren a origem do homem, - outros nao  
menor reconditor o acompanham na

H. M. <sup>da</sup> Pariziana  
Almeida

na morte: quando attentam<sup>te</sup> contemplamos a variedade de phenomenos, q<sup>ue</sup> se manifestam na queda da vida, instinctivamente reconhecemos a difficul<sup>de</sup> de apreciar, em qual dos dous estados tam oportos s'achc o individuo, se no h' vida ou de morte. Em todos os tempos se deram exemplos de s'entregarem ao sepulchro individuos, q<sup>ue</sup> p<sup>or</sup> circunstancias ultimas se conhecem terem sido, ou depositados em ataiades, ou enterrados, vivos; - e nao meno exemplos encontramos d'individuos, que proximos a serem sepultados resuscitaram / permitta-se-me a expressao / d'uma morte apparente, continuando a viver por largos annos. Em taes circunstancias, entre o receio e a duvida grande servico presta a Sciencia a humanidade investigando os meios de determinar, quando se verifica definitivamente a transicao d'um p<sup>ro</sup> outro estado. A im-

H. A. de Bavierna  
Alma

portancia deste objecto tam manifeste é  
aos olhos de todos, q̃ de necessario nos pa-  
rece encarecer uma cousa, cujs necessi.<sup>de</sup>  
por commun accordo é reconhecida: as  
leis consiguadas nos codigos de todas as  
nações cultas, p.<sup>o</sup> que nenhum cadaver  
seja dado á sepultura, sem q̃ homens  
competent.<sup>es</sup> habilitados o examinarem,  
são uma prova esuberante de q̃ levamos  
dito. Demons trando por tanto em pou-  
cas palavras a grande utilidade do ob-  
jecto, q̃ nos occupa; passamos a dar-  
lhe o conveniente desenvolvim.<sup>to</sup>.

= Parte 1.<sup>a</sup> =

Quaes são os signaes de morte?

Antes de enumerarmos os diferentes si-  
gnaes, p.<sup>o</sup> onde ordinariam.<sup>te</sup> se conhece,  
q̃ um individuo está morto, convem q̃  
expliquemos o sentido, q̃ compete áquel-  
les dois termos = signaes = e morte. = A tu-  
da aquillo q̃ designa um phenomeno, pa-

Dr. H. Barjona

Alinda

cto, successo, caracter, ou accao d'um  
o nome de - signal. (de signum). Em  
Medicina tem este vocabulo uma si-  
gnificacao differente: um pheno-  
meno converte-se em signal p.<sup>o</sup> o Me-  
dico, quando este p.<sup>o</sup> uma combina-  
cao d'ideias forma um juizo de quib.  
to, q.<sup>o</sup> o phenomeno indica: e' pois  
neste accepcao, q.<sup>o</sup> nos devemos tomar  
aquella palavra. E' o q.<sup>o</sup> e' morte?  
Es um termo, q.<sup>o</sup> ate hoje ninguem  
definio convenientem.<sup>t</sup> A palavra  
morte suscita uma ideia correctiva  
de vida, e e' este um outro termo, cu-  
ja definicao envolve inverciveis dif-  
ficuldades. Ha coisas, q.<sup>o</sup> o espirito  
concebe, mas nao sabe, nem pode de-  
finir: neste caso estao aquelles dous  
vocabulos. Para enumerar os sinais  
de morte, e' necessario conhecer, em q.<sup>o</sup>  
esta consista, e o q.<sup>o</sup> e'; e como isto nao

G. M. de Barzouza

Alma

prova fazer-se, sem preceder o come-  
cim<sup>to</sup> do q<sup>o</sup> é a vida, necessariamente te-  
mos de definir, o q<sup>o</sup> é a vida, e passar-  
mos daqui á definição de morte. Se  
discorrer-mos pelo vasto catalogo das de-  
finições, q<sup>o</sup> os diferentes auctores tem  
apresentado, p<sup>o</sup> definir a palavra - vida,  
chegaremos ao cabo, sem achar-mos bem  
determinada a significação de quella  
expressão. Bichat diz, q<sup>o</sup> a vida é u-  
ma collecção de funções, q<sup>o</sup> resistem  
á morte: = átem de haver aqui a pa-  
lavra collecção, q<sup>o</sup> nada determina, a-  
contece o encontrar-se na definição a  
palavra - morte, o q<sup>o</sup> a torna mais  
obscure q<sup>o</sup> o definido: - a organização  
em accao a definição Beclard; - e um  
completo d'acces Chimicas conservado-  
ras o Sr. Silvestre Pinheiro: - e mais  
p<sup>o</sup> deante podiamos ir citando defini-

H. A. <sup>os</sup> Bayona

Alind

coer e auctores ainda mais, mas serviria  
isto mais pro: avolumar, do q<sup>o</sup> para es-  
clarecer o objecto, de q<sup>o</sup> se tracta: nem  
a vida consiste simplesmente na orga-  
nisaç<sup>o</sup> em acc<sup>o</sup>, p<sup>o</sup> q<sup>o</sup> circumstanci-  
as ha, em q<sup>o</sup> os organos nao manifes-  
tam acc<sup>o</sup> algum, e contudo nelle ha  
vida; nem esta e um complexo d'ac-  
coer-Chimicas Conservadoras, p<sup>o</sup> q<sup>o</sup> m<sup>tas</sup>  
coisas ha sem vida, q<sup>o</sup> resultam d'um  
complexo d'acces-Chimicas Conserva-  
dores, como e a luz pro mo vida ar-  
tificialm<sup>te</sup>; e demais no organis-  
mo ha acc<sup>o</sup>-Chimicas destruido-  
ras. Nunc discussas sobre esta ma-  
teria, talvez o mais transcendente  
de toda a Physiologia dava-nos em  
resultados o nao chegar-mos ao couber  
cint<sup>o</sup> cabal, do q<sup>o</sup> pretendemos; e  
neste caso forç<sup>o</sup> e, q<sup>o</sup> aceitamos



J. M. <sup>de</sup> Barjona <sup>Alada</sup>

o q<sup>a</sup> a Sciencia tem de mais e melhor  
averiguado a este respeito. Nenhuma  
das definições, q<sup>a</sup> temos apresentadas, e  
nenhuma, das q<sup>a</sup> poderíamos apresentar  
nos darão perfeita ideia de - vida - ; e  
aceitaríamos por isso uma, q<sup>a</sup>, apesar  
de inconvenientes já mencionados,  
nos parece ser todavia aquelle, q<sup>a</sup> ma-  
is se aproxima d'uma verdadeira defini-  
ção: diremos p<sup>r</sup>. tanto, - vida o com-  
pleto dos phenomenos activos de orga-  
nização, ou a organização em accão;  
e morte a cessação destes phenome-  
nos, q<sup>a</sup> caracterizam a vida. Menci-  
onar os diferentes signaes, q<sup>a</sup> caracterizam  
a morte é, como já vimos, o q<sup>a</sup> constitue  
especialmente o objecto da primeira  
parte desta dissertação. Os signaes  
mais importantes, q<sup>a</sup> nos diferentes  
auctores achamos referidos são os,

3 de A. H. Bonjornis,

Almada

9<sup>a</sup> em seguida apresentamos.

Face cadaverica, - depressão dos olhos e cornéa transparente coberta d'um humôr viscoso e como formada p.<sup>a</sup> clare d'ovo, - elevação do pollex, - abaixam<sup>to</sup> espontâneo de maxilla inferior, - resfriam<sup>to</sup> completo do corpo e descoloração de pelle, - rigidez cadaverica, - perda de sentim<sup>to</sup> e movimentos, - impossibili<sup>d</sup> de produzir bolhas na superficie cutanea, - cessação das pulsações cardiacas e de respirações, - relaxação simultânea de todos os esphincteres, - coagulação do sangue nas vias circulatorias, - putrefacção, - e ausencia de contracção muscular pelo galvanismo.

1.<sup>a</sup> Face cadaverica. -

Se a face é o espelho d'alma, como vulgarmente se diz, se o regozijo e o prazer se retractam na face

Y. H. or Barjona. *Alud*

ben como o soffim<sup>to</sup> e o desgosto; se pela  
face se judge do estado da saude; se  
nelle se represente o abatim<sup>to</sup> produ-  
zido pelas moléstias, é natural q<sup>o</sup>  
estado o mais opposto a vide deve  
se face imprimir tam bem um ca-  
racter especial; e ao genio d' Hip-  
pochrates não escapou circumstan-  
cia tam attendivel: a chamada face  
hippochratica não só serve como in-  
dicio de morte, mas ainda no auxi-  
lio a julgar do proximo fim do in-  
dividuo, em quem s'observa.

2. Depressão dos olhos, com a trans-  
parente coberta d'um humor viscoso.

O apparatus de visão é um de-  
queles, q<sup>o</sup> na economia apresenta  
maior multiplicidade d'organos, execu-  
tando funções mais variadas, mas  
concorrendo todas p<sup>o</sup> um fim com-

Dr. M. de Barjona: Almda

1.º: Sabemos pelas leis de Physio-  
logia, q<sup>a</sup> a vitali<sup>de</sup> d'um orgão é  
tanto mais manifesta, quanto ma-  
is delicada é a sua structure. E  
sendo no vivo p<sup>r</sup>isso o apparatus de  
visão um de quellas, aonde a vida  
é mais manifesta; a certeza de  
todas as suas funções - apresenta  
no morto um caracter saliente.

2.º: Flexão do pollex - Akinde q<sup>a</sup>  
em algumas molestias durante a vida  
s'encontra o pollex em flexão, é con-  
tudo um phenomeno, q<sup>a</sup> m<sup>tas</sup> vezes  
apparece no cadaver.

3.º: Abaixamento espontaneo da  
maxilla inferior. Sabemos, q<sup>a</sup> esta  
maxilla representa uma aba-  
vance interpotente: e q<sup>to</sup> pela  
certeza da vida para a força che-  
mada protencia, necessariamente hade

ceder ás leis de gravi<sup>de</sup>; e effectivamente assim acontece, este phenomeno de as medicos na maioria dos casos um signal digno d'attenção.

3.º Resfriam<sup>to</sup> completo do corpo, e descoloração de pelle. Uma das funções mais notavel durante a vida, q<sup>ue</sup> acompanha todos os phenomenos vitales, é a calorificação.

Para Troussseau e Pidoux é este funccão de tam<sup>g</sup>da importancia, q<sup>ue</sup> por elle pretendem afferrir mais diversas moléstias o grau de vitalidade do individuo. Sendo este funccão dependente de todos os processos do organismo, é claro, q<sup>ue</sup> a sua cessação indur a julgar d'ausencia de vida. A descoloração de pelle intimamente ligada ao estado de circulação é tambem um signal d'at-

12. J. B. de Barjeaux

Alunda

gem e alôr.

6.º Rigidiz Cadaverice. É um facto, q<sup>o</sup> tem merecido a maior importancia; e seu consignar-mos aqui, quaes as causas, q<sup>o</sup> o produzem, é certo, q<sup>o</sup> algum tempo depois de morte apparece no cadaver uma rigidiz, q<sup>o</sup> contrasta com o flaccido das carnes durante a vida, e p<sup>o</sup> q<sup>o</sup> este phenomeno é constante, a sua applicao deve ser p<sup>o</sup> o medico d grande momento -

7.º Perda de sentim<sup>to</sup> e movim<sup>to</sup>.

Apesar de serem estes phenomenos a expressao a mais geral de vida nos animais occorrem todavia casos pathologicos frequentes vezes, em q<sup>o</sup> ha perda completa de sentim<sup>to</sup>, sem q<sup>o</sup> a vida s'encontra extincta; sendo

J. A. de Vasconcelos

Almeida

por outro lado igualmente certo, q<sup>o</sup> alguns  
movim<sup>tos</sup> musculares se dão no indi-  
viduo dep<sup>s</sup> de morte; todavia a in-  
tima ligação, q<sup>o</sup> existe entre func-  
coes de vida e funccoes organicas,  
faz, q<sup>o</sup> nos animaes não possam  
existir p<sup>r</sup> m<sup>to</sup> tempo umas sem as  
outras, e a cessação de movim<sup>tos</sup> e  
sentim<sup>to</sup> q<sup>o</sup> prolongada necessaria-  
m<sup>te</sup> deve trazer consigo a parali-  
sacção definitiva de todas as func-  
coes, e neste caso merece a impor-  
tancia na distincção entre morte re-  
al e apparente.

8<sup>o</sup> Impossibilidade de produ-  
zir bolhas na superficie cutanea.

É proprio dos corpos vivos o rec-  
gir contra as impressões externas:  
o estimulo applicado a um organo  
produz nelle uma reacção pro-

14 31. 11. 011 Benjamin  
Almeida

porcional é uma vitalidade: estímulos fortes applicados á pelle augmentando o seu vigor produzem consequentemente uma accumulacão de líquidos entre o corion e a epiderme, deponitor, q<sup>o</sup> em regra geral se se forma em presença de vida.

9.º Cessacão das pulsações cardiacas, e de respiracões.

A circulaçáo e a respiracão, funccoes tam intimamente ligadas são o fundam<sup>to</sup> de vida organice. Pode a respiracão suspender-se por alguns momentos, - pode a circulaçáo enfreqüecer-se, mas admittir vida n'um individuo, em q<sup>o</sup> por longo espaço se não encontrem signaes de quellas funccoes, isto é incompativel com as leis q<sup>o</sup> regem a organisaçáo. É tam manifesto as





143. H. or. Parionas  
Alud

estado liquido é um ponto, q<sup>o</sup> não ad-  
mitte contraversão; logo a sua coagu-  
lação nos veias tem. alte. importan-  
cia, p<sup>o</sup> não decidirmos, a cerca de  
morte de indivíduos.

12: Putrefacção. = Quando a for-  
ça vital abandona o indivíduo, e  
deixa a organização submettida  
a exclusão das forças geraes  
do universo, a materia organica, ut-  
tims grandes affini. de Chimicas ce-  
dendo ás accões dos agentes exter-  
nos resolve-se em diferentes produ-  
ctos tendendo sempre a formar com-  
binacões inorganicas. Revele-  
mos isto o mais evidente signal  
de morte: e é este signal, o q<sup>o</sup> por  
mais tempo se reputar o unico  
indicio indubitavel de morte.

13.º = A esse caso de contractili.º muscular é um signal m.º importante, como na seg.ª parte veremos.

= Parte 2.ª =

Qual d'entre todos (os signaes de morte) é indubitavel além de putrefacção?

|| - ||

Na primeira parte de nossa dissertação já vimos, como nos cumpria, a exposição dos signaes, q.º per a maior<sup>pe</sup> apparecem posteriormente á morte: bem longe de nós a idea de querer-mos considerar, q.º qual-quer daquelles signaes tem uma importancia absoluta: antes diremos, q.º m.º de elles reunidos não são sufficientes, p.º nos ministrarem o convencimento, de q.º teve lugar a morte: se exceptuarmos o ultimo, a p.º ventura.º 9.º (?), não hesitamos em affirmar, q.º podem manifestar-se os restantes signaes, sem contudo haver morte; e todavia con-

1831. H. v. Barjournis.

Alvares

Tanto aquelles signaes, no numero, bo  
q̄ patenteam a morte; nas si f. q̄  
quasi todos ses constantes neste  
estado, mas tambem f. q̄ a sua  
apparecção durante a vida é  
acompanhada, e n. tas vezes segui-  
de graves desordens na econo-  
mia. No decurso p. de segun-  
da parte da nova dissertação de-  
finiremos, qual o valor, q̄ com-  
pete a cada um dos signaes a-  
pontados.

Discutiremos p. tanto o valor  
dos differentes signaes pelo m. or-  
dem, q̄ foram apresentados.

1.º Face Cadaverica. =

Que todos os cadaveres tem na  
face uma expressão particular é  
inegavel, mas nem em todos se

Dr. J. B. Barjoun  
A. B. 18

do o conjunto de phenomenos ou modificações, q<sup>ue</sup> constitue, o q<sup>ue</sup> se chama face hippocratica ou cadaverica. Falta m<sup>uita</sup> vezes nas pessoas, q<sup>ue</sup> morrem p<sup>or</sup> accidente, ou de molestia aguda: e outras vezes encontra-se durante a vida em individuos m<sup>uito</sup> debilitados. Logo face cadaverica não deve reputar-se signal certo de morte.

2.<sup>o</sup> Depressão do olho, transparen-  
cencia de cornica em baciada p<sup>or</sup> um  
humor viscoso. = Ha Cadaveres, p. ex.  
alguns se pensam mortos p<sup>or</sup> asfixia  
do vapor do carvão, q<sup>ue</sup> não apresen-  
tam este caracter; e pelo contrario  
alg<sup>uns</sup> vezes s<sup>ão</sup> apresentados durante a  
vida.

3.<sup>o</sup> Flebas do poller. = Este phe-  
nomeno, q<sup>ue</sup> nem apparece no me-



Dr. J. H. de Barros

1891

sentando a calorificação a actividade do organismo, servir nos-his a signal m<sup>to</sup> important, se poderemur marcar os certos o momentos, em q<sup>ta</sup> elle termina, ou e occariao, em q<sup>ta</sup> os diferentes organ<sup>os</sup> deixao de produ-  
zir calor animal: mas p<sup>ro</sup> q<sup>ta</sup> o ca-  
lor produzido, ou communicado se pod<sup>e</sup> conservar no cadaver p<sup>or</sup> diferentes especies de tempo nos di-  
versas circumstancias, a avalia-  
cao de calorificacao animal p<sup>or</sup> meios do instrum<sup>to</sup> physico in-  
duris nos-his e erro, e d me-  
neira nenhuma no poderia ser-  
vir p<sup>ro</sup> o diagnostico de morte.

B. Rigidez Cadaverica. =

E' um signal de mais impor tan-  
ter, p<sup>ro</sup> conhecer a morte real.  
As numerosas observacoes de

31. 22. 11. Barjona

Almeida



Louis e System fatalum bem atto;  
em nenhum caso encontraram estes  
auctores, q<sup>o</sup> fallasse este signal ma-  
is ou menor tempo dep<sup>o</sup> da morte;  
nem se queira dizer com alguns  
auctores, q<sup>o</sup> a rigidez cadaverica  
se confunde, com a q<sup>o</sup> apparece  
nos cadaveres d'individuos mor-  
tos pelo frio, ou com aquella q<sup>o</sup>  
depende d'um estado convulsivo  
ou tetanico do musculo, servin-  
do no prim<sup>o</sup> caso d' difference o  
com produzida nos individuos mor-  
tos pelo frio, q<sup>o</sup> um do mem-  
bro e forcado a flexao; now,  
q<sup>o</sup> e devido a fractura do pe-  
queno gelbo, q<sup>o</sup> se tem formado  
no espaço intercellulares; no  
seg<sup>o</sup> caso se marcará a distinc-  
cao, não só p<sup>o</sup> q<sup>o</sup> a circulação com



Dr. M. <sup>or</sup> Bayona Almeida N. 23

tinua nos individuos tetanicos, mas  
ate p. q. succede a contractao mus-  
cular, esta se reproduz, logo q. e  
forca deise d' obrar.

7.º Perda de sentim<sup>to</sup> e movim<sup>to</sup>. =  
Este signal nao tem o valor, q. e  
p. vista parece, nem q. existe  
p. um longo espaço de tempo. Sao  
frequentemente os casos pathologicos, em  
q. ha cessacao temporaria das func-  
coes de reflexao, e todavia a vida  
persiste.

8.º Imponibilidade de produzir bo-  
mas na pelle. = E um meio d' he-  
m. conhecido, e q. em m. casos  
deve merecer importancia, dando-  
se alg. vezes, ainda q. poucas nos  
cadaveres / Bouchut e Rayer; dei-  
vando-se de desinvolver alg. vezes,  
quando a morte e aparente.

9.º = Cessação das pulsações cardiacas, e de respiração. = Ainda he pouco se julgava, q' era possível subsistir a vida cessando o coração de mover: factor mal averiguado, já não sustenta este principio em opposição com as leis de organização: graças ao trabalho de Bouclut. sabe-se hoje, q' na morte apparente não cessam completamente as pulsações cardiacas.

= 10.º = Relaxação simultanea de todos os esfincteres. = Encontra-se no vivo em m.ºs agonias, e em algas affecções cerebraes, e p.º vivo de modo algum deve considerar-se um signal certo de morte.

= 11.º = Coagulação de sangue nas vias circulatorias. = C.º facto, q'



Y. A. de Barjona

24

Albino

real, tomando como ponto de partida  
o trabalho feito naquella epocha  
sobre a irritabilidade muscular por  
Linn, Haller, e Robert Whyt che-  
gor por experiencias proprias e  
conclusões, de q' a ausencia de con-  
tractilidade muscular é um  
signal evidente de morte re-  
al.

Da discussão, q' acabamos de  
fazer se conclue, q' além de  
putrefacção se devem conside-  
rar como sinais certos de  
morte = a cessação das pulsa-  
ções cardiacas, e respiração, = ri-  
gidez cadaverica, = e ausencia  
de contractilidade muscular pelo  
accão do galvanismo.

Coincide 6 de Novembro de 1848

João Lourenço d'Almeida e Silva  
Médico e Cirurgião  
Cidade de Coimbra, 6 de Novembro de 1848



111







